

# eləbu #47

*abril de 2010*



O disco da Sobrado 112 ficou encostado por algum tempo na redação do jornal que trabalhei a espera de uma resenha mínima que fosse. Sabe como é a equação: banda desconhecida + pressa do cotidiano = descrédito. Até que um dia, ao distribuir alguns dos discos que seriam comentados pelos colegas de redação, fiquei com a Sobrado. Simpatizei com a capa. A banda foi uma surpresa muito boa logo nas primeiras faixas. Fiz a "tarefa de casa", escrevi a notinha elogiosa de *Isso Nunca Me Aconteceu Hoje* e toquei a vida. Achava que a Sobrado merecia tratamento melhor, mas casou de ser uma época ímpar. Deixei quieto.

Em março, comecei a produção das edições de abril e maio do Elebu. Nessa definição solitária do que deveria fazer, coincidiu de estar ouvindo o disco do sexteto. Percebi que escutava mais e mais aquela tal de polca misturada com tanto treco que era impossível definir, mas que era bom pra caramba. Daí, bati o martelo: Sobrado 112 seria a minha capa de abril. Sim, desse jeito, na lata. Se os caras não topassem falar comigo, teria de improvisar outra coisa no lugar. Confesso que, em um determinado momento, temi não rolar a entrevista. Mas tudo deu certo e o papo só fez a Sobrado 112 crescer ainda mais no meu conceito.

Esta edição traz ainda um texto criticando a crítica cultural. Era um assunto que há muito me incomodava como leitora, inclusive. Passava o olho em muitos "comentários de especialistas" nos jornais e revistas, mas raros prendiam a minha atenção por motivos diversos. Até que um dia comecei a achar que os comentários espontâneos dos leitores pareciam mais interessantes e inteligentes. Alguns chamavam o jornalista de burro nas entrelinhas utilizando dois argumentos pontuais. Algo estava errado e daí a reflexão que serve também para mim, uma vez que faço parte dessa fauna de críticos.

Outro destaque é a banda feminina The Runaways. Fiquei tão fascinada com a história do grupo que, em menos de duas semanas, tinha documentário, coletânea de vídeos, cópia em PDF de livro de memórias, tinha visto dezenas de vídeos no Youtube do pós-Runaways e absorvido o máximo de informações que pude. Só não consegui o filme de ficção. Isso virou texto.

O Elebu de abril está propositadamente menor e mais coeso nos assuntos. É um contraponto ao gigantismo da edição anterior. Espero que você possa curtir mesmo assim. Boa leitura e até maio.

## produção

Djenane Arraes

## visual

Djenane Arraes

## capa

Montagem de Djenane Arraes

## textos

Djenane Arraes

Rúbia Cunha

Rita Maria Félix da Silva

## thanx

Victor Gottardi

Mário Tambellini

Sérgio Britto

Fulvio Loreto

Ruy Castro

Luciano Branco

Lulu Camargo

## onde

<http://elefantebu.blogspot.com>

[elefantebu@yahoo.com.br](mailto:elefantebu@yahoo.com.br)

@elefantebu

## sonoras

*Ever Fallen In Love* - The Buzzcocks

*In The Sun* - She & Him

*Cherry Bomb* - The Runaways



Sobrado 112



Criticando a crítica



The Runaways



Filme e Como a Geração  
Sexo-drogas-e-rock'n'roll  
salvou Hollywood



Alice no País das Maravilhas



Legião



Percy Jackson



A orfã



Poema

ziniando

# skapolca



*Banda desponta na  
cena carioca com som  
original e mostra ser  
uma das gratas  
revelações da música  
brasileira*

# pra frente



## *Djenane Arraes*

Sobrado 112 é uma banda formada por seis pessoas. Victor Gottardi toca guitarra e canta. O trompetista Leandro Joaquim também canta, assim como o Miguel Martins, que também toca guitarra. O Cláudio Fantinato faz a percussão, o Maurício Calmon toca bateria e o Pedro Dantas é responsável pela marcação do baixo. Eles fazem um som chamado skapolca: a junção de dois ritmos estrangeiros, mas que tem um gingado carioca que dá gosto. O curioso é que três dos integrantes, logo os compositores principais, são do interior de São Paulo. No final, é tudo Brasil.

O sexteto começou suas atividades em 2007 e entrou na cena carioca tirando onda, vencendo festivais competitivos e tudo mais. No final do ano passado, lançaram o segundo disco *Isso Nunca Me Aconteceu Hoje* pelo selo Oi Música. Iguaria finíssima, projeto cuidadoso com produção de BiD, Sobrado 112 e Buguinha Dub.

Fiquei na pilha para conversar com o pessoal, algo que aconteceu por telefone com alguma dificuldade no começo. A Sobrado 112 estava em pleno ensaio em um lugar onde o celular não tinha um bom sinal. No final, deu tudo certo e bati um papo bacana com Victor Gottardi. Confira.

*Elefante Bu – Confesso que fiquei impressionada quando fiz o contato com a banda e vi que existia um produtor, um site com bastante informações e uma organização bacana. Confesso que fazia algum tempo que não encontrava isso em uma banda com pouco tempo de estrada. Foi assim desde o início?*

Victor Gottardi - A organização e o planejamento é algo que procuramos sempre para a nossa banda, até porque vimos que as coisas costumam ser mais fáceis, ou menos complicadas, quando temos uma estrutura montada: um lugar para ensaiar, um produtor que faça os contatos. E foi assim desde o começo. Procuramos fazer um bom planejamento para o primeiro disco, captamos os recursos da maneira que deu e tentamos ter pessoas trabalhando com a gente para não ficarmos sobrecarregados de funções que não devem ser só dos músicos. Hoje em dia, é importante ter alguém cuidando daquilo que você faz, dos negócios da banda, para trocar ideias com as pessoas. Não é legal os músicos ficarem nessas funções porque as coisas passam a ficar confusas. A energia da criação não tem nada a ver com a energia da produção, do controle. Achamos essa divisão importante e procuramos ter o máximo de organização possível.

*Elebu – Então você acha que o negócio é fazer o caminho oposto do “faça você mesmo”, que é a forma que a maioria das bandas independentes trabalham?*

Victor – Mas a gente tem o “faça você mesmo”. Eu também faço o trabalho de produção, sou guitarrista e canto. Fiz a produção do primeiro ano da banda e do segundo ano quase inteiro. Só que há um momento em que as coisas começam a crescer e você não dá mais conta de resolver tudo. É importante sim o “faça você mesmo”, com todo mundo de cabeça no negócio. Mas isso também leva, em certo ponto, a uma desorganização. Por isso que é importante você pensar em ter um produtor, nem que seja um amigo, entende? Ser um cara que conheça a banda, que tenha participado de tudo. O “faça você mesmo” tem que ser feito com cuidado, senão, como te disse, você desvia o foco, algo que não é positivo.

*Elebu – E quais foram os principais benefícios que a montagem dessa estrutura trouxe para vocês?*

Victor – Acho que os benefícios foram muitos. Por exemplo: o primeiro disco foi feito [de forma] independente, nós pegamos empréstimo no banco e fizemos do jeito que deu. Fizemos uma boa divulgação, falamos com gente o Brasil todo, com blogs, chamamos a atenção de pessoas ligadas à



## crítica faixa-a-faixa

### Café

(Victor Gottardi/ Matheus Silva/ Leandro Joaquim)

Eu adoro café, então o tema me agrada. A composição lembra coisas que o Arnaldo Antunes costuma escrever: ações do cotidiano com a repetição de uma determinada palavra ou frase que acaba funcionando como uma marcação. Só que num ritmo que você dificilmente veria o Antunes fazer: gostoso de dançar. Preste atenção no bom arranjo dos metais.

### Eu Não Quero Ter Razão

(Victor Gottardi/ Matheus Silva)

O climão de *Café* continua aqui, só que o funk entra em primeiro plano com uma linha muito bonita de baixo. Até que, no final, ela muda para o tal skapolca. Deve ganhar muita força ao vivo.

### Duas de Cinco

(Leandro Joaquim)

Na sonoridade, essa faixa é irmã da anterior e continua a progressão iniciada em *Café*. A letra é tão cotidiana, que chega a ser genial. É um pedido pro Marco comprar algumas coisas e trocar um dinheiro, aproveitando que ele vai sair. O final também tem skapolca, só que menos acelerado que na faixa anterior.

### Amoroso

(Victor Gottardi/ Matheus Silva/ Leandro Joaquim/ Maurício Calmon/ Miguel Martins)

O skapolca está a toda desde o início, em uma longa

música, de críticos independentes, não só dos jornais. Isso chamou a atenção de muita gente e também do nosso selo. Com essa organização, conseguimos atrair investidores para a banda, que foi de um selo bacana de uma grande empresa multinacional, que bancou o nosso disco, o lançamento e tem dado um bom suporte em alguns aspectos. Com essa organização, fomos capazes de mostrar a uma grande empresa que somos capazes de crescer. A gente tem um conceito, ideias e não somos um bando de garotos tocando em garagem que não sabe o que está fazendo. Então, quando se vê algo assim, fica mais seguro trabalhar com uma galera que tem força de vontade, sabe o que está fazendo e que não é boba.

*Elebu – Estou o disco em mãos e ele chama a atenção pelo bom projeto gráfico, que é bem legal, e também pelo CD transvertido em vinil. Vocês não p r e t e n d e m aproveitar essa onda causada pela volta da Polysom e transformar o “vinilzinho” em um de verdade?*

Victor – A gente está a fim de fazer. Inclusive temos um trabalho gravado que não foi lançado ainda, que é um



disco instrumental. Isso vai acontecer em alguns meses. É um trabalho que a gente pensa em fazer em vinil, em um suporte diferente. Se a gente pudesse, já teríamos feito, mas é algo que tem um custo mais elevado. É algo para colecionador, por isso achamos que não dava para fazer agora.

*Elebu – O que é skapolca? Quer dizer, você ouve o disco e entende que é aquele som que está lá. Mas como é que você explica esse estilo?*

Victor – Hoje em dia, é difícil criar um estilo. Ninguém faz nada novo. Então optamos por fazer uma mescla de estilos. Como todo mundo já fez de tudo, então o novo deve ser você misturar coisas que ainda não foram colocadas juntas, talvez. E a gente conseguiu mesclar ska jamaicano com polca do leste europeu, com coisa dos Bálcãs. Chegamos a um resultado legal que foi o ska-polca. O Leandro foi quem veio com essa ideia e, no disco de estreia, tinha uma música que foi a primeira ska-polca gravada. Daí, vimos que começamos a fazer algo

introdução instrumental. Depois o instrumental acompanha o apelo da letra apaixonada mexicana, ou algo do gênero, com direito a recitar verso em espanhol. O problema é que fica-se com a impressão de que a música é grande demais. *Amoroso* parece fechar um bloco sonoro do disco.

## Muito Menos Você

(Victor Gottardi)

Se eu fosse arriscar uma música de trabalho para esse disco, para tentar as rádios, seria *Muito Menos Você*. Ela é perfeita para arrebatá-la por ter letra de dor de cotovelo sobre uma moça que não se conforma com o rompimento da relação, ao que parece. Ela não tem refrão, mais como é curtinha, pega-se fácil. Isso tudo num ritmo mais lento, tocada mais sensual, inclusive. Quando falo sensual, pense em *Mexe Mexe* do disco *Por Pouco* do Mundo Livre S/A. Não

são músicas parecidas, mas a função dentro do disco é semelhante. O vocal aqui é o um dos melhores, sentido, firme, interpreta bem a música. Além de ser uma das mais acessíveis, é também uma das melhores.

## Isso Nunca Me Aconteceu Hoje

(Leandro Joaquim/ Victor Gottardi)

A faixa que dá nome ao disco é outra que deve ganhar muita força ao vivo. O skapolca retorna após a quebra de *Muito Menos Você*. O humor é marcante na letra. Bem-feita, mas não está entre as minhas favoritas.

## Narcisa

(Leandro Joaquim/ Victor Gottardi/ Reginaldo Viana)

A introdução é um skazinho de leve que vira um sambinha

diferente. O pessoal do leste europeu faz muita coisa balcânica, mas não inclui o ska. Ficou original, é algo nosso.

*Elebu – Bom, sou de Brasília e costumo acompanhar a carreira da Móveis Coloniais de Acajú com um pouco mais de atenção. E vejo que as duas bandas se aproximam, principalmente por trazer o leste europeu*

*para cá. Você concorda com essa aproximação da sonoridade entre a Móveis e a Sobrado?*

Victor - Acho que o Móveis é um grande exemplo de banda independente brasileira que cresceu e que tem uma originalidade muito forte. É uma banda grande, muito expressiva que fez um caminho legal. Eu sou muito fã do som deles e acho que o Sobrado e o Móveis



bacana, com letra tradicional, de amor dor de cotovelo no melhor estilo Paulinho da Viola. Essa faixa desce fácil de tão boa. *Narcisa* é um exemplo que a Sobrado 112 pode fazer qualquer coisa, e bem. Mas essa música pode criar um sério problema se colocada de forma isolada. É que o samba, por ser um ritmo marcante e tradicional, pode dar impressão errada no conceito da banda ou do disco.

### Cabeça de Nego

(Leandro Joaquim)

Letra de seis versos, mínima, humor, ritmo bom para dançar. E é isso.

### Grajaú

(Victor Gottardi/ Leandro Joaquim/ Miguel Martins)

No conjunto de canções bem humoradas da Sobrado 112, essa é a minha favorita. "*Eu e tu lá no Grajaú/ Sem tutu para o busú*". Vai grudar assim lá nos quintos dos infernos. Ah, e tem direito a um solo de guitarra muito legal.

### Simérius Conan

(Victor Gottardi/ Leandro Joaquim)

Faixa instrumental para mostrar todo o potencial dançante de um bom skapolca!

poderiam fazer muitas coisas legais juntos. Agora dá para aproximar [o estilo], com certeza a gente bebe em fontes próximas, mas o jeito de tocar é sempre diferente, a composição é diferente.

*Elebu – Falando em composição, você deve ser o cara ideal para comentar isso, por ser um dos principais compositores da Sobrado. Adorei o humor das letras e o “eu e tu lá no Grajaú” gruda.*

Victor – Foi eu, o Miguel e o Leandro que fizemos essa letra. A gente fez buscando a rima e acabou que ficou uma coisa meio comédia, que a gente gosta muito.

*Elebu – O humor, que não é necessariamente do pastiche da piada repetida, é algo que você procura trabalhar conscientemente nas letras?*

Victor – É sim. O mundo já tem muitos motivos para fazer as pessoas chorarem, né? Por isso a gente tenta trazer o humor e a alegria de uma maneira inteligente. A gente não deixa de refletir sobre as coisas, mas fazemos de uma maneira leve, para as pessoas dançarem e saírem felizes. O que é uma coisa saudável.

*Elebu – Quais são os planos futuros na parte de produção e shows?*

Victor – A gente lançou o disco no final do ano passado e foi bem antes do natal. Agora é que a gente sente que passou toda aquela chuva de eventos e voltamos a trabalhar legal nesse disco. Voltamos a fechar alguns shows aqui no Rio para abril. Também vamos passar por São Paulo, que é o outro grande pólo e o artista tem que estar lá. Estamos fazendo contatos em outros estados também. Estamos planejando fazer muitas coisas neste ano.

*Elebu – Interessante você ter mencionado a data de lançamento. De fato, o fim do ano é uma época mais complicada para se trabalhar, não é mesmo?*

Victor – É muito complicado trabalhar porque está todo mundo com as pautas fechadas, tem muito trabalho na frente. A gente teve essa experiência de lançar no fim do ano que não dá para dizer que foi ruim, mas é

diferente de você fazer um lançamento no meio do ano. Foi bom para a gente saber como funcionam as coisas.

*Elebu – Parece que lançar no fim do ano só funciona mesmo com o Roberto Carlos!*

Victor – Exatamente, só com Roberto Carlos, Caetano Veloso e toda essa galera que tem um nome estabelecido no mercado, que já é respeitado. Para uma banda nova, é difícil, é preciso conquistar o espaço devagarzinho, fazer com que as pessoas entendam, gostem e passem a correr atrás.

*Elebu – Você gostaria de fazer mais um comentário?*

Victor – Queria dizer que a gente tem muita vontade de tocar em Brasília, tenho grandes amigos aí. Inclusive um cara que ajudou muito a banda lá no começo, que é o Bruno Freitas – que tem um blog. Espero que o pessoal de Brasília possa conhecer o nosso som e querer que a gente vá para aí.



Ouçá a banda:

Myspace:

<http://www.myspace.com/sobrado112>

Youtube:

*Muito Menos Você* ao vivo:

<http://www.youtube.com/watch?v=BeKAPmFitQo&feature=related>

Site oficial:

<http://www.sobrado112.com/>

# o temebroso

A relação entre os críticos e os artistas, que tem suas obras julgadas em páginas impressas ou virtuais, costuma ser delicada. Embates entre os profissionais da imprensa e seus objetos de comentário tinham como tradição os fortes embates nas páginas de revistas até o início da década de 1990. Clássicas eram as críticas, por exemplo, de José Ramos Tinhorão – defensor da música “genuína” brasileira – contra os arroubos tropicalistas que ousaram colocar guitarra elétrica no samba. Para o mal ou para o bem, debates eram estabelecidos e opiniões eram formadas a partir de argumentos consistentes. Tinhorão tinha razão em sua tese, os tropicalistas também em suas anti-teses. Cabia ao leitor fazer a própria síntese.

Vista antes com respeito e temor, a figura do crítico, no entanto, passou a perder significado e força quando a internet permitiu – por meio dos blogs, twitters e afins – que qualquer um (mesmo) pudesse fazer seus comentários como bem entendesse para suas respectivas audiências. O que faz todo sentido. Antes desta revolução da comunicação, a verdade é que a figura do crítico era muito respeitada. Nos Estados Unidos, por exemplo, houve Francis Bosley Crowther, especialista em cinema do jornal New York Times. Ele praticamente ditava o que seria sucesso ou fracasso até a década de 1960. Naquela época, por conta do esquema de lançamentos lentos e setorizados, uma crítica ruim poderia comprometer o planejamento do estúdio. E se Crowther falasse mal, significava o enterro de um projeto.

No Brasil, a crítica negativa costumava incendiar movimentos artísticos. Foi assim com Monteiro Lobato, quando o seu texto *A propósito da Exposição Malfatti*, publicada pelo jornal Estado de S. Paulo foi o catalisador de um movimento que culminaria na Semana de Arte Moderna de 1922. Era uma época em que o Brasil formava profissionais do ramo que seguiam a cartilha de grandes como Machado de Assis, daí porque o respeito e a vontade de provar o contrário tinham a mesma intensidade. Na música, o radialista Antônio Maria, defensor do tradicionalismo encarnado no samba-canção, dedicou um período de sua vida para falar mal dos jovens da bossa nova. Deu no que deu. Já outros críticos trabalharam para legitimar uma determinada

geração. Daí, pode-se citar a hoje velha-guarda Tarik de Souza, Tupã Correia, Roberto Muggiati, Ricardo Alexandre, Arthur Depieve e até Ana Maria Bahiana (que atua mais como crítica de cinema), no trabalho que consagrou não só a revista Bizz como também a geração do rock nacional dos anos 80.

## Reclamação geral

“Muitos dos que hoje se dizem ser críticos não passam de resenhistas”, reclama o administrador Luciano Branco, que nas horas vagas é colaborador da imprensa indie. “As resenhas dos discos que os jornalistas fazem apenas com os mp3 são lastimáveis! Ninguém mais sabe sobre a ficha técnica de produção, sobre os autores das letras e das músicas, sobre a arte dos discos, participações etc. Se os críticos cumprissem seu 'papel de filtro' quem sabe até as programações das rádios não seriam melhores, porque os próprios programadores das rádios se acham especialistas e, baseados em seus gostos musicais somado a influência dos agentes divulgadores das gravadoras, acabam formando a caótica cena musical das FMs do país”.

A opinião de Luciano Branco vai de encontro com a de muitos artistas. Sérgio Britto, dos Titãs, também não aliviou. “Acho que os jornalistas fazem uma matéria sobre discos com uma ideia pré-concebida: sobre o que eles acham da pessoa e do trabalho dessa pessoa. Eles deixam de se concentrar na obra em si e perdem muito do poder analítico que se poderia ter. Acho que há muita interferência ali”, analisou para depois disparar certo:

porção da

crítica

Cultura

*Uma reflexão do  
porque a crítica  
cultural brasileira  
atual é tão  
questionada e  
desacreditada por  
leitores, artistas e  
pelos próprios  
jornalistas*

“Acho que, em geral, a crítica musical do Brasil é muito ruim”. Lulu Camargo, tecladista do Pato Fu, é mais ponderado: “Acho que, idealmente, o artista deveria ficar alheio tanto às críticas quanto aos elogios, mas na real, isso é impossível. Um artista que diz não ligar para as críticas está mentindo, não é mesmo? Ao mesmo tempo, polemizar sobre uma crítica negativa é meio pateta”.

Tanto Lulu Camargo quanto Sérgio Britto, por meio de suas bandas, tem músicas que são supostas respostas ao falatório negativo. *Mediocratas*, do Karnak (de Lulu), diz o seguinte: “*Não se meta na vida dos outros/ você é um espírito de porco/ a sua cabeça é oca, a sua memória é pouca/ a gente escuta o nosso coração*”. Lulu não se lembra se a música teve endereço específico para um jornalista, mas na internet é possível encontrar entrevistas de André Abujamra (o compositor) a dedicando para Jotabê Medeiros, que na ocasião do lançamento do disco *Universo Umbigo* havia chamado o Karnak de “banda natimorta”. “De qualquer forma”, disse Lulu, “adoro essa música”.

Quando os Titãs lançaram a música *A Melhor Banda dos Últimos Tempos da Última Semana* – que também deu nome ao disco – criou-se uma especulação de que teria sido uma “homenagem” ao jornalista Lúcio Ribeiro, conhecido por defender bandas indies e hypes, em especial as inglesas, e de ser um detrator notório do trabalho do, hoje, quarteto carioca. Sérgio Britto negou que a música foi para um indivíduo específico. “Na verdade, é um comentário que está no ar a muito tempo da postura de certas pessoas em achar que tudo que se faz fora do Brasil é melhor. Acho até que a música fala sobre coisas além, como a brincadeira com essa história da fama, do sucesso imediato, e o que isso tem de substância”.

### Crise permanente

Interessante nessa história é que a insatisfação passa pelos próprios profissionais da imprensa. Reclama-se menos da perda da influência e mais da qualidade. Em 2004, o



Centro Cultural Banco do Brasil promoveu a série de seminários "A Arte da Crítica", com debates entre realizadores e profissionais da área. A conclusão foi estupefaciente, mesmo que não surpreendente: "o nível está muito baixo". Há o consenso de que a arte e a crítica estão ligadas. Sim, a primeira existe sem a segunda, mas ela não teria o mesmo impacto. Se não existe qualidade nos argumentos, se eles são contaminados pela camaradagem, o mérito da obra pode se perder.

As queixas apenas se multiplicam. O músico acusa que os profissionais da imprensa escrevem sobre discos, por exemplo, sem ao menos escutá-los. Diretores e leitores falam que comentaristas de cinema estão mais preocupados em mostrar conhecimento uns para os outros, do que direcionar informações honestas para o público interessado. O jornalista Carlos Alberto Mattos, do jornal O Globo, comentou que os espaços reduzidos das páginas dos jornais são uma cortina de ferro para encobrir deficiências. O jornalista Ruy Castro, em entrevista ao Elefante Bu (a ser publicada na próxima edição) disse que para escrever um livro não era preciso formação acadêmica, mas para criticá-lo, talvez sim.

O que Carlos e Ruy poderiam estar se referindo é à inabilidade e na preguiça de muitos profissionais em ler e se informar. Acham que tempo de profissão ou posição os isenta de continuar pesquisas e estudos. Há os que têm a sensibilidade de uma porta, desprezam o novo, mas são arrogantes suficientes para arrotar verdades. Triste é que isso é uma realidade recorrente das redações.

Para Luciano Branco, o problema também está no excesso de referências, que são tantas que a identidade se perde. "Esses novos críticos gostam mesmo é de travar uma batalha de egos do tipo 'eu conheço a cena alternativa da

Noruega' ou 'as bandas de metal da Grécia é que mandam!'. A crítica anda tão esquisita que os mesmos críticos que massacraram Os Mamonas Assassinas hoje conseguem enxergar qualidade no trabalho da banda. E a Mallu Magalhães? Se tivesse nascido em Glasgow era ídolo, e teria garantida uma carreira no exterior. (In)Felizmente nasceu no Brasil, é competente, faz música boa, mas é julgada por atos de uma criança".

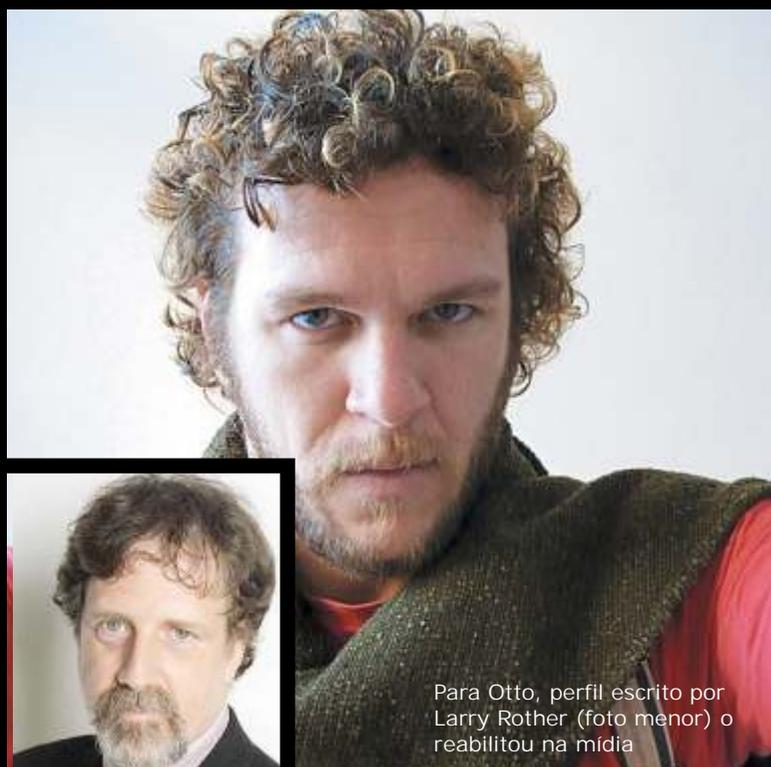
Luciano ainda lembrou um caso recente que envolveu Otto. "Ele lançou um primeiro disco bom (*Samba Pra Burro*), mas que não era aquilo tudo que foi dito na época seguiu sua carreira depois disso com discos ruins. Mas eis que, no final de 2009, ele lança o melhor disco do ano (*Certa Manhã Acordei de Sonhos Intranquillos*), e a crítica quase deixa passar porque afinal era o Otto".

O próprio Otto comentou o caso com ironia e ceticismo sobre a recepção de *Certa manhã Acordei de Sonhos Intranquillos*. "Eu desconfio disso, e muito. Sabe por que? Porque ninguém estava falando nada! Fiquei anos sem ninguém me chamar pra festival nenhum, agora, do nada, os caras começam a falar bem de novo. Isso aconteceu porque o (jornalista americano) Larry Rother fez aquele perfil belíssimo sobre mim no New York Times. O povo daqui começou a falar bem porque não tem como fugir: o bambambã da gringa disse, tem que calar a boca", respondeu em entrevista publicada pelo site virgula.com.br. Ainda acusou a mídia por se orientar pelas paradas da revista Billboard.

## As conseqüências

Os fatores que levam a crítica de arte brasileira vivenciar um período de crise são inúmeros. Falta (ou excesso) de parâmetros, formação fraca, preguiça e pouca credibilidade são coisas que não passam despercebidas pelo leitor que, ao contrário que muitos pensam, não é burro. Ele passou a ter uma posição quase de rebeldia ao dizer que tudo que era execrado nos jornais, significava que o produto agradaria o público comum. A maior parte dos textos não dialoga com ele, não o interessa, não o representa. Então ele o ignora. O crítico, por sua vez, se esquece que a simplicidade e a honestidade aliadas a boa informação são grandes atributos para o bom texto. E o diálogo que deveria existir entre mídia e público deixa de acontecer.

Fica aqui o desejo de mudança. Uma geração de críticos ruins não é interessante nem para o jornalismo brasileiro, nem para o leitor e muito menos para o artista. Ou é isso, ou passemos a seguir a sugestão de Lulu Camargo, ao lembrar do escritor argentino Jorge Luis Borges: "Se você for escrever um texto me criticando, me manda antes para eu revisar: eu conheço mais os meus defeitos, e provavelmente vou escrever a crítica melhor do que você!"



Para Otto, perfil escrito por Larry Rother (foto menor) o reabilitou na mídia



Da esquerda para a direita: Lita Ford, Joan Jett, Jackie Fox, Sandy West e Cherie Currie

*Filme estrelado por  
Kristen Stewart e  
Dakota Fanning faz o  
público jovem  
redescobrir The  
Runaways, uma das  
melhores (além de  
efêmera) banda de rock  
integrada só por  
garotas surgida na  
década de 1970, época  
em que a guitarra  
elétrica era dominada  
pelos homens*



# hard rock feminino ao resgate

Dizer que bastou Kristen Stewart emprestar seu rosto em outro projeto que não da saga *Crepúsculo* e o mundo redescobriu *The Runaways* é um tremendo exagero. A atriz faz uma penca de filmes independentes todos os anos e nem por isso as pessoas falam deles. Mas o pessoal do marketing *The Runaways* – o filme, que tem Joan Jett como produtora executiva – usou com sabedoria o apelo que a atriz tem frente a indústria da fofoca e aos adolescentes para promover a primeira banda all girls de rock com alguma significância. Sim, a fama de Stewart (e o corte de cabelo a lá Jett e também Dakota Fanning) ajudou a despertar curiosidade em muita gente, inclusive a minha.

O que sabia a respeito da banda das cinco garotas era uma mera referência num livro ou revista que li (não lembro bem), além de ter sido o debut de Joan Jett no meio musical. Nos últimos meses, no entanto, começaram a pipocar no YouTube shows raros, jam sessions entre as runaways, o show antológico no Japão e informações mais consistentes. Eu também fiz o download do premiado documentário *Edgeplay: A Film About The Runaways*, lançado em 2004 com direção e roteiro de Victory Tischler-Blue (a penúltima das quatro baixistas da banda), além do livro *Neon Angel: A Memoir of a Runaway*, de Cherie Currie, que foi ponto de partida para a produção estrelada por Fanning e Stewart.

Devo dizer que todo esse trabalho marqueteiro e dos paparazzis fez alguma justiça: a música das Runaways tem muita qualidade. Joan Jett, Lita Ford, Cherie Currie, Jackie Fox e Sandy West tinham uma química musical e tanto. O hit *Cherry Bomb* é bom pra caramba. Tem energia, espírito libertário, letra fácil, um refrão grudento, um solo breve e certo, e guitarras com velocidade e peso perfeitos para um hard rock bem tocado. Não se pode esquecer que Cherie Currie era uma frontwoman excepcional: voz feminina adequada para o metal (muito mais interessante e melhor do que o berreiro de Joan Jett), agressividade e sensualidade na medida certa. Uma grande presença, em resumo. E ela tinha apenas 16 anos na época.

Cherie não era o único grande talento. Na postura de Joan Jett era possível saber que ela era a líder, a base da banda, a principal compositora entre as meninas e a mais centrada em sua carreira. Ela e Joni Mitchell foram as duas únicas mulheres a entrarem na lista dos 100 melhores guitarristas segundo a revista *Rolling Stone*. Injustiça não incluir Lita Ford. A guitarrista solo e a baterista Sandy Westy tinham muita afinidade. Eram fãs de hard rock e tocavam as músicas do Deep Purple nos ensaios, coisa que Joan Jett ainda não tinha cacife e técnica para fazer. Por falar em Sandy West, a mulher era um monstro nas baquetas. Tocava com muita agressividade. A “Ringo Starr” da banda respondia pelo nome de Jackie Fox. Não foi a única baixista das Runaways, mas foi a mais expressiva.

## Documentário

Cinco garotas talentosas de 16 anos saindo ela estrada dificilmente é sinônimo e convivência harmônica. Com a presença de um empresário agressivo, então, pode-se presumir



Stewart e Fanning receberam ajuda das próprias Joan Jett e Cherie Currie para interpretá-las no cinema

que a rotina das Runaways não era fácil. No filme *The Runaways*, o produtor Kim Fowley é retratado como um vilão. No documentário *Edgeplay*, no entanto, as integrantes (menos Joan Jett, que não participou) relataram coisas atordoantes. Acusaram Fowley de abusos verbais, físicos e até sexuais. A expressão de Sandy West ao lembrar dessa parte mais obscura de sua adolescência é de cortar o coração. No fim da vida, ela ainda não tinha superado. Cherie Currie deu a entender que a baterista era o alvo mais freqüente dos abusos de Fowley.

Os depoimentos das mães de Cherie e Sandy reforçam as denúncias. A da última, em especial, expressa mágoa e arrependimento, além de culpa pela filha ter passado maus bocados por causa do vício em álcool e drogas. Jackie Fox foi outra que não conteve as lágrimas. Ela abandonou a banda no meio da turnê pelo Japão. Após um show, onde ela derrubou o baixo, correu para o quarto de hotel e se isolou porque queria cortar os pulsos. Cherie a salvou, mas não antes de enfrentar o produtor que, segundo a vocalista, queria a impedir de ir ao quarto da colega. Jackie narra o episódio com raiva e constrangimento. “Eu não gostava mais de mim, não gostava da pessoa que havia me tornado”, disse no doc. enquanto mostra a fina cicatriz que atravessa o braço e o antebraço. “Abandonar a banda foi a decisão mais dura que já tomei”, confessou.

Dois momentos clássicos da carreira das Runaways: quando assinaram contrato com a Mercury Records e na turnê japonesa em 1977



Não muito tempo depois, quando as Runaways se preparavam para gravar o terceiro disco de estúdio, em 1977, Cherie deixou as colegas. Interessante é que ela continuou tendo um bom relacionamento com as então meninas, menos com Lita Ford e Joan Jett, com quem só voltaria a dividir o palco em 2001 e o estúdio em 2010. Mas Cherie participou de vários shows ao lado de Sandy e Jackie nas décadas de 1980 e 90, eventos que ela mostrou mesma energia e entrega no palco de quando tinha 16 anos.

Se a não aproximação da vocalista e da guitarrista solo foi por causa de antipatia recíproca, o tempo em que passou afastada de Joan Jett teve muito a ver com mágoa e sentimento de traição. Cherie afirma no documentário que a relação com Jett também foi sexual (e com Sandy, embora tenha preferido não falar a respeito). Depois de

fazer um discurso de que "era anos 70 e estava experimentando", com um sorriso bobo no rosto, confessou que Jett era muito boa de cama. Jett e Cherie foram muito próximas até as gravações do segundo disco, *Queens of Noise*, quando a vocalista passou a defender maior independência criativa em relação a Kim Fowley e bateu de frente com a líder.

Quando voltaram a conversar em decorrência do filme, Jett teria confessado, pela primeira vez, que ficou mal com a saída da vocalista e que também não estava satisfeita com a situação entre a banda e o produtor. Hoje, Cherie Currie tem um contrato com o selo Blackheart, de Joan Jett, e ela deve participar de alguns shows com a guitarrista pelos Estados Unidos.

## Revival?

Em *Edgeplay*, Sandy West estava às vésperas de descobrir que tinha câncer no pulmão, doença que a mataria em 2006. Após uma passagem emocional sobre a dificuldade que foi deixar o seu vício, ela se pergunta do por que da impossibilidade das cinco integrantes se reunirem, fizerem um disco bombástico e saírem em uma turnê mundial de sucesso. Oras, para isso Cherie e Lita teriam de superar suas diferenças. Jett e Jackie Fox também teriam de passar por cima de algumas rugas causadas por causa do filme. Lita também "encrencou".

O caso de Jackie parece ser mais sério do que a simples birra de Lita. O problema da internet é que fica complicado encontrar uma informação concisa entre milhares de versões sobre um mesmo caso. Ao juntar o que existia em comum no meio de tanta fofoca, pude concluir que a ex-baixista (que hoje é advogada especialista em produções artísticas) teria tido a ideia inicial para se fazer o filme e esta teria sido "roubada" por Joan Jett. Ela ameaçou processar a produtora caso fosse retratada nas telas (com a história da tentativa de suicídio e tudo mais, é compreensível). Daí a razão da baixista do filme ser um personagem fictício que está ali só para compor a cena. Lita e Jackie também não são as melhores amigas. A guitarrista reservava palavras pouco gentis em relação a baixista e a chamava de hipocondríaca.

Sandy West nunca superou o fim da banda. Pudera, ela precisou fazer trabalhos pouco glamorosos para sobreviver nas décadas seguintes: em bares, na construção civil e há insinuações que esteve envolvida em atividades criminais por algum tempo. Quando morreu, houve um concerto em sua homenagem com a participação de Cherie (sua amiga de toda vida) e diversas outras bandas. A vocalista disse, na ocasião, que Sandy foi "de longe a melhor baterista feminina de rock", e completou: "Subir no palco nunca mais será a mesma coisa porque Sandy era a melhor e eu sentirei sua falta para sempre".

O sonho de Sandy West talvez nunca se realize. Oras, nem mesmo sua morte o fez possível. Nos resta curtir tudo o que ficou registrado. Um material de primeira categoria em que gurias adolescentes de má atitude dignificaram com seus talentos. Todas as Runaways foram as rainhas do barulho e emprestaram um pouco mais de graça e humor ao rock dominado pela testosterona que dominou a década de 1970.

# a velha hollywood encontra a nova



Lilian Ross e Peter Biskind não poderiam ser jornalistas com estilos mais distintos, não apenas por pertencerem a gerações diferentes. Ross é uma das pioneiras do chamado new journalism consagrado nas páginas da revista *The New Yorker*. Biskind é da escola da revista *Rolling Stone*. A primeira é autora de reportagens premiadas. Foi quem fez, por exemplo, o melhor perfil do escritor Ernest Hemingway. O segundo fez do ator Warren Beatty uma figura mais fascinante do que as pessoas creditam. Em comum os jornalistas têm a cultura como foco de suas carreiras, em especial o cinema.

*O Filme*, de Lilian Ross, marcou o início do new journalism ao colocar em formato de romance uma reportagem sobre os bastidores da produção de *A Glória de Um Covarde*, dirigido por John Huston. Ela ficou na companhia do diretor e das pessoas que fizeram parte da produção desde o momento em que foi noticiado o projeto até a sua conclusão. Por meio desta obra, consagrou a técnica narrativa chamada "mosca na parede". A ideia é presenciar os acontecimentos sem interferir neles e, assim, narrá-los com a maior riqueza de detalhes possível.

*Como a Geração Sexo-Drogas-e-Rock'n'roll Salvou Hollywood*, de Biskind, fez uso do velho método das entrevistas. Falou com os diversos personagens que o interessava e construiu uma narrativa convencional com a história sendo explicada por meio dos depoimentos. É o conforto de deixar toda a intriga e polêmica na boca dos outros.

O propósito aqui não é comparar técnicas narrativas entre um autor e outro. O grande barato é que os livros se complementam. *Como a Geração...* parte de uma crítica da geração de diretores que despontaram na década de 1970. Para talentos como George Lucas e Francis Ford Coppola se estabelecerem foi preciso muita briga e romper diversos padrões e mentalidade dos estúdios. Ainda nos anos 60, havia a cultura de que o dono do filme era o produtor, ao passo que o diretor era só mais um empregado, responsável por uma função como outra qualquer.

Esta é a realidade mostrada em *Filme*. *A Glória de Um Covarde* foi um projeto rejeitado pela Metro-Goldwyn-Mayer, mas que só foi levado adiante por causa de muita insistência do produtor Gottfried Reinhardt e de John Huston – na época, um diretor consagrado. Os executivos viam muitos problemas em um filme que não tinha atrizes femininas – portanto, uma história de amor – atores consagrados e clichês diversos. Diziam que nome de diretor não vendia filme. A verdade é que a MGM queria



*Dois livros sobre cinema mostram que dificuldades e obstáculos enfrentados por diretores e produtores em Hollywood são quase os mesmos, independente da época*



ver Huston empenhado no projeto de encomenda *Uma Aventura na África*, que seria estrelado por Humphrey Bogart e Katharine Hepburn. Entendeu? História clichê com um ótimo diretor-empregado e atores consagrados só poderia resultar num sucesso de bilheteria, ao passo que o outro filme estava fadado ao fracasso desde o seu nascimento.

Ironias à parte, hoje *A Glória de Um Covarde* é considerado um clássico obscurecido, o primeiro relato humanizado da guerra civil americana, ao passo que *Uma Aventura na África*, apesar de ser um filme também consagrado, foi uma produção marcada nos bastidores por malária, brigas e muito álcool.

Se um diretor oscarizado e experiente como John Huston tinha dificuldades em engrenar projetos que acreditava (mesmo com pouco orçamento), imagine um jovem. Na Europa, o termo "autor", usada a pessoa que escrevia, produzia e dirigia o próprio filme, passou a ser uma tônica. Mas, em solo americano, a indústria não via a tendência com bons olhos. Os estúdios estavam rodeados de "velhos" e ninguém confiava um filme a um "jovem". Aqui é o ponto de partida de *Como a Geração...* e como a indústria mudou a partir do momento em que os grandes cineastas (hoje consagrados como Dennis Hopper, Warren Beatty, Martin Scorsese e Steven Spielberg) precisaram arrombar as portas. Algumas delas, literalmente.

O marco zero, de acordo com Peter Biskind, foi o filme *Bonnie e Clyde*, produzido por Warren Beatty, que também atuou no papel de Clyde. Reza a lenda que, em 1967, que ele precisou se ajoelhar aos pés de Jack Warner para conseguir o financiamento. A produção foi marcada por uma estreia mal-feita, seguida por guerra entre críticos, sucesso na Europa e uma reestrela em solo estadunidense para, enfim, tornar-se um marco tão importante quanto *Easy Rider*. O sangue que escorre nos filmes de Quentin Tarantino sem que ninguém se incomode só foi possível por causa dessa geração que despontou na década de 1970.

Uma observação: Lillian Ross é citada por Biskind. Ela era uma comentarista respeitada da revista *The New Yorker*. *Filme* era referência e influência para muitos jornalistas e escritores. Por isso, foi recomendado que alguns desses jovens a procurasse a fim de conseguir algum apoio na mídia. Não é mencionado a posição de Ross sobre este mundo em ebulição. Talvez ela tenha sido simpática a tudo, afinal, foi testemunha de uma batalha e tanto ainda na velha Hollywood. [D.A]



filme

# quem sou eu?

*O filme que deu ao diretor Tim Burton a maior bilheteria da carreira tem jeito de fanfiction, mas consegue preservar o espírito da obra de Lewis Carroll*

Quem é Alice, a personagem clássica de Lewis Carroll criada em meados do século XIX, em plena Era Vitoriana, na Inglaterra? Menina de sete anos que caiu no buraco do coelho com colete, que era a porta de entrada para o País das Maravilhas. Inteligente e esperta, Alice enfrentou um exército de cartas, ficou grande, ficou pequena, foi arrastada pela correnteza das próprias lágrimas e até foi julgada. Bom, você conhece a história (ou deveria).

Em uma das passagens do livro, Alice conheceu uma lagarta que perguntou: “Quem é você?”, e ela respondeu: “Eu... mal sei senhor, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então”. Mais adiante, a lagarta pergunta de que tamanho Alice gostaria ser. Ela responde: “Não faço questão de um tamanho certo. Só não gosto de ficar mudando toda hora”.

Essas questões continuam pertinentes quando Alice está crescida, na visão de Tim Burton. No filme *Alice no País das Maravilhas (Alice in Wonderland, EUA – 2010)*, encontramos a personagem aos 20 anos em sua festa de noivado promovido pela aristocracia londrina. Mas as lembranças sobre a sua primeira visita ao mundo subterrâneo ainda estavam muito vívidas – embora achasse que fossem apenas sonhos. A sociedade esperava que ela dissesse “sim” ao pedido de casamento de um lorde pouco atraente (mas um lorde, enfim), ao passo que, no seu íntimo, não gostaria de fazer aquilo que as pessoas esperam. Alice não era uma pessoa rebelde. Era só uma menina de espírito grandioso e com sede de liberdade que estava sendo tolhida pelas convenções.

Eis que no momento de dizer “sim” ao pedido de casamento, ela vê o coelho branco de colete e o segue, tal como na primeira vez. Ao beber e comer o bolinho para passar pela portinhola, ela vê encontrar alguns dos personagens daquele mundo a esperando e se perguntando se aquela seria a verdadeira Alice. A Rainha de Copas, tirana por natureza, passou a usar o medo para governar o mundo subterrâneo. “Cortem-lhe a cabeça”, continuava a ser a frase de ordem. Caberia a Alice representar a pacifista Rainha Branca e matar o campeão da Rainha de Copas, um dragão de nome tão feio quanto sua aparência. A jovem não gosta da ideia.

No seu reencontro com a lagarta, o inseto fumante repete a pergunta: “Quem é você?”. Ela responde, mas em seguida é desafiada: “Veremos”. “O que quer dizer com isso?”, Alice fica intrigada, “devo saber quem eu sou”, afirma. Mas a lagarta confirma com um sentido

diferente: “Sim, deve, garota estúpida”. Essa é a tônica do filme construído por Tim Burton. A parte as cenas de ação, as batalhas que, de certa forma, lembram Narnia, está a personagem clássica em busca da resposta da pergunta da lagarta.

À parte a maquiagem e o cenário incrível criado pela tecnologia em 3D estabelecida a partir de *Avatar*, de James Cameron, o diretor Tim Burton foi feliz em dar profundidade psicológica na versão adulta daquela que possivelmente foi a primeira heroína da literatura infanto-juvenil moderna. A criança não tem obrigação de “se encontrar”, mas espera-se que o adulto sim. Esse processo é muito bem apoiado pelo Chapeleiro Maluco, de Johnny Deep, o melhor sidekick que Alice poderia almejar.

Tá, não é um filmaço, mas *Alice no País das Maravilhas* é muito superior em conteúdo do que *Avatar*, por exemplo. É digno do clássico de Lewis Carroll e faz de Alice uma mulher forte e multidimensional. Passa a ser alguém à frente de seu tempo, porém em sintonia com o século XXI. Com certeza, ela tem nessa quase fanfiction dirigida por Tim Burton um futuro muito mais interessante do que de uma velha aristocrata decadente que faz sexo com Wendy (Peter Pan) e Dorothy (Mágico de Oz), tal como imaginou Alan Moore. [D.A]





# a burrice de deus

Que a mitologia cristã – pelo menos a parte que envolve anjos, demônios e um salvador da humanidade – costuma render boas histórias é um fato. Há um episódio maravilhoso de Arquivo X, onde a agente Dana Scully (personagem que era católica) precisa investigar as ações de um serafim. De arrepiar. *Dogma* beirou a genialidade quando a turma de Kevin Smith resolveu sacanear aquilo que é “indiscutível”. Apesar de o filme ser insosso, o livro *O Código da Vince*, de Dan Brown, é bem interessante e tem alguns argumentos em comum com o polêmico musical *Jesus Cristo Superstar*, de Andrew Lloyd Webber.

Claro que existem as porcarias. A mais recente é *Legião* (*Legion*, EUA, 2010) filme de Scott Charles Stewart com Dennis Quaid e outros atores que não tem a menor importância. Falo aqui de um exemplo de produção ótima para ser esculachada e depois contemplada com um belíssimo troféu de plástico do Framboesa de Ouro. Aliás, as pessoas poderiam também fazer as suas apostas para o anti-Oscar, que tem muitos candidatos em potencial, mais do que para aquela cerimônia glamorosa do Teatro Kodak.

A história começa com o arcanjo Miguel desce a Terra e corta as próprias asas e, por causa disso, ele se livra de uma coleira. Depois ele assalta uma loja de armas e leva um arsenal no porta-malas de um carro velho, mas clássico. Daí a ação vai para uma pequena lanchonete no meio de um baita nada localizado no Novo México. Nele, há o “todo-puro” Jeep, que é apaixonado pela garçonne Charlie, grávida. É estabelecido os paralelos: o “inocente” Jeep faz as vezes de José e a “corajosa” Charlie corresponde a Maria. Na lanchonete estão também uma família a espera do conserto do carro, o cozinheiro de uma mão só, e Dennis Quaid como o dono do lugar e pai de Jeep.

Só que Deus está com raiva da humanidade e decide mandar o exército celestial de arcanjos para dar cabo da galera. O primeiro ataque dos alados é

transformar os humanos em demônios zumbis. Esses arcanjos também tem a missão de matar Charlie, afinal, ela está esperando a criança que, supostamente, vai salvar a humanidade. Nesse ponto, o filme carece de lógica. O asno do roteirista afirmou que Deus é um burro. Tá, se ele quer destruir a humanidade, beleza, mas se ele tinha esses planos, qual é o propósito da figura do messias? Imagine o diálogo no paraíso celestial:

Deus: *“Ai que raiva dessa macacada! Ô raça que não aprende! Miguel, mate esse povo por mim”*

Miguel: *“Mas Senhor! O messias está para nascer e salvar a todos!”*

Deus: *“Ih, é mesmo. Mó vacilo! Faz o seguinte: mata ele também e depois a gente acerta os detalhes!”*

Miguel, que deve ser um ser mais inteligente que Deus – e ia com a cara de Jeep, até porque o cara foi batizado em homenagem ao estilo de carro favorito dele – vira uma mistura de Rambo com Steven Segal e decide proteger o messias ainda não-nascido. Em pouco tempo, a pequena lanchonete no meio do nada localizado no Novo México, vira uma fortaleza de zumbis demoníacos humanos possuídos pelos anjos liderados por Gabriel. Miguel e os outros pegam as armas e saem atirando em todo mundo de cima do telhado.

Sabe o que é pior desse filme? Como se já não bastasse a história inexistir, você acaba por torcer para que os zumbis demônios invadam o raio da lanchonete e matem Miguel, Maria, José, a caricatura do Dennis Quaid e o casal chato da família do carro quebrado. Aliás, eu nunca vi uma “Maria” tão inexpressiva. Sarah Connor ficaria envergonhada. Os únicos personagens que despertam alguma simpatia, não sobrevivem. Ah, fala sério! É por esses filmes que a gente vê que a humanidade está perdida. Deus, manda aí o Gabriel arrancar a cabeça do Scott Stewart. [D.A]

# era mitologia grega?

Vamos primeiros estabelecer algumas questões. Na mitologia grega, Perseu é um semideus filho de Zeus, portanto, irmão da deusa Atena. Esta, por sua vez, permaneceu virgem porque ela optou não ter filhos para não ficar confinada a vida doméstica uma vez que gostava da liberdade em atuar nos campos de batalhas e tudo mais. Posêidon era quase um maníaco sexual (teve filho até com a Medusa) e era tido como um deus furioso. Teseu é filho de Posêidon e há duas teorias de como ele foi concebido: a primeira diz que foi por meio de um estupro, a segunda por meio de um ménage à trois onde a princesa Etra foi embriagada para ter relações sexuais. Teseu derrotou o minotauro de Creta e era um sujeito meio canalha que raptava mulheres e promovia chacinas dentro da própria família. Perseu, o filho de Zeus, foi quem derrotou a Medusa e libertou Andrômeda, casando-se com ela.

Mitologia grega significa um conjunto de histórias repletas de pecados capitais. O Olimpo desconhecia o tédio, pode ter certeza disso. Os deuses gregos só não curtiam o rock'n'roll porque o ritmo é coisa da modernidade, mas se existisse algo parecido na Idade Antiga, então um bom heavy metal seria a trilha de fundo das narrativas dos poetas da época. Mas, neste mundo, há sempre um sujeito com a maior das boas intenções que, para ensinar mitologia grega para crianças e adolescentes, reinventa a ponto de que elas tenham classificação indicativa livre. De tais intenções, o mundo inferior de Hades está cheio. Rick Riordan e Chris Columbus deveriam ir para lá. O primeiro fez a série de *Percy Jackson*, que transformou a mitologia grega em asneira para pré-adolescente. O segundo (que quase estragou Harry Potter) transformou isso em filme... e dos mais ruizinhos.

*Percy Jackson e o Ladrão de Raios* (*Percy Jackson & The Olympians: The Lightning Thief*, EUA, 2010) tem início com Zeus acusando Percy, filho de seu



irmão, Posêidon, de roubar os seus raios. Ele dá um prazo de alguns dias para que o sobrinho devolva a arma, caso contrário, o Olimpo vai entrar em guerra. Percy, um adolescente, passou a vida toda sem saber quem era o pai e muito menos tinha notado ser um semideus. De repente, personagens mitológicos começam a aparecer por todos os lados, para o mal ou pra o bem. Após algumas explicações e pequenos dramas, Percy vai parar em um acampamento dedicado a treinar os semideuses. E são vários! É lá que ele encontra Annabeth, guerreira de maior destaque do lugar – característica que herdou de sua mãe, a deusa Atena. Os dois e mais Grover – melhor amigo, protetor e alívio cômico – partem para uma missão de resgate da mãe de Percy, seqüestrada por Hades, senhor do mundo inferior. E o raio? Ah, isso fica em segundo plano, mas as soluções acabam se cruzando em algum momento.

*Percy Jackson* é a tentativa mal-sucedida do diretor Chris Columbus em criar uma franquia infanto-juvenil capaz de substituir Harry Potter. Nem comparo o filme com a mitologia grega, porque seria dar murro em ponta de faca. Então é melhor ver a produção em si. Ela funciona? Oras, se comparada com outras obras similares, ela perde e feio para a franquia de *Harry Potter*, é inferior a *Nárnia* – o primeiro filme é bobinho, mesmo assim *Percy Jackson* não consegue chegar perto. Entre essas produções adolescentes, a saga dos semideuses só consegue ser melhor do que a de *Crepúsculo*, e olha que isso não é elogio porque a comparação chega ao fundo do poço. Quer saber? Até o non-sense dos seriados de *Xena – A Princesa Guerreira* e *Hércules* faz mais sentido do que a trama adaptada por Columbus.

Nem tudo é desperdício, no entanto. O protagonista, interpretado por Logan Lerman (que é um jovem bom ator com jeito de Zac Efron), é simpático. A co-protagonista Alexandra Daddario não compromete, mas a sua idade (23 anos) pode ser um problema caso a franquia continue. Percy Jackson traz ainda atores experientes como Uma Thurman e Pierce Brosnan, que não fazem diferença alguma. [D.A]

# estação surpresa



## Rúbia Cunha

Para sair um pouco do que realmente me diverte, resolvi dar chance a um filme que, por dificuldades financeiras, perdi a chance de vê-lo na telona. As pessoas me perguntam por que perco meu tempo e dinheiro em freqüentar o cinema se hoje em dia é mais fácil esperar o lançamento em DVD, e a minha resposta acaba sendo a de sempre: “Quando se trata de filmes de terror ou de suspense, uma televisão de qualquer polegada, não nos mergulha na história tanto quanto uma sala de cinema”. Esse foi o caso de uma temática onde sempre ouvi que os gêneros citados ao envolver crianças sempre são os mais assustadores.

Devo concordar em parte, pois os diretores precisam saber como fazer para prender a atenção e arrancar os elogios do público cada vez mais exigente, sendo esta a razão pela qual esperei tanto para ver *A Órfã* (*Orphan*, EUA/Canadá, 2009), de Jaume Collet-Serra. Devido à sinopse e ao trailer, o pessoal do marketing praticamente matou meu interesse. Achava que o filme não me mostraria nada de novo, já que crianças más estão cada vez mais comuns nas telas e nos dias de hoje.

É realmente assombrador ver aquelas carinhas sérias e aquele olhar malévolo que surgem para nos causar certo desconforto e torna-se mais cansativo ainda quando uma família feliz começa a se desintegrar

por conta do novo integrante. Afinal, quem nunca viu isso em outras produções como *O Anjo Malvado* ou *A Profecia*?

Mas achei super interessante a forma que o filme me prendeu a atenção. Sabe-se que é de praxe a música acabar entregando quando algo vai acontecer, assim como os truques de filmagem. Jaume, neste ponto, inovou. As coisas aconteceram quando eu menos esperava e os truquezinhos que comentei, ajudaram a me manter tensa durante o filme inteiro.

Isabelle Fuhrman acabou dando um show ao se tornar uma personagem odiosa em seu jeitinho pastoril e manipulador. Está certo que desconfiava sobre o que ela poderia esconder por debaixo das fitas usadas no pescoço e pulsos, mas descobrir os motivos e o verdadeiro segredo por trás dessa menininha foi o que mais me encantou.

E, como disse anteriormente, é claro que houve um clichê que acabou não escapando, e não estranhei o fato de algumas comunidades criticarem duramente o tema abordado. Só que, para mim, no mundo do suspense e do terror, o que vale é a tentativa de manter os espectadores tensos, então, meus sinceros agradecimentos à propaganda insistente (sem referências a fonte), pois ela venceu a minha resistência e teimosia em ver a “doce Esther”.

# a desolação

A desolação do teu olhar  
essa me custou o coração

*por Rita Maria Félix da Silva*

A desolação no teu olhar  
me roubou alma e razão

A desolação desse teu olhar  
me feriu com fina precisão

A desolação perante teu olhar  
ah, me cobriu de consternação

A desolação com teu olhar  
me fez duvidar da compaixão

Que fique assim bem dito  
e bem aprendido e ensinado

Não é mesmo seguro amar  
alguém de olhar tão desolado



# do teu olhar